

ERIN BEATY

o REINO
FRAICÃOEIRO

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÊGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

22
23
24
25
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79

80

81

82

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para minha mãe, que mostrou para mim e minha irmã que inteligência deveria ser motivo de orgulho. E para meu pai, que nos mostrou que homens de verdade querem o convívio de mulheres que pensam.



1

PARA ALGUÉM QUE ODIAVA LUTAR, até que Clare estava ficando boa. Sage agora precisava suar um pouco para derrotar a amiga, o que era algo impressionante num dia de frio intenso como aquele. As enormes muralhas de pedra de Vinova, a fortaleza avançada de Demora, protegiam dos ventos de inverno que sopravam sobre a planície ao leste, mas não faziam muito no sentido de reter calor. Rechaçar invasões e resistir a cercos havia sido a prioridade dos construtores. Agora que a nação de Casmun, ao sul, estava aberta para conversas diplomáticas, aquele era o lugar mais importante para a posição de Sage como embaixadora. Defesa pessoal, porém, era importante para a vida, de modo que Sage insistira que sua melhor amiga e acompanhante treinasse combate.

Clare fez uma careta de concentração enquanto segurava um espadim com a mão enluvada. Seus olhos se estreitaram por cima do escudo no braço esquerdo, mas não era a aquilo que Sage estava atenta.

Sob a saia na altura dos joelhos, as botas de Clare se mexeram. Inconscientemente, Sage se inclinou para a direita, firmando os pés na terra congelada, esperando pelo movimento que entregaria sua amiga. Raros eram os guerreiros que conseguiam atacar sem nenhum prenúncio na linguagem corporal, mesmo os mais experientes. Sem ter

completado dezessete, Clare era quase dois anos mais nova do que Sage, e havia começado o treinamento apenas alguns meses antes.

Foi um movimento leve e abrupto, uma fração de segundo antes de Clare avançar, que a entregou, mas bastava. Sage bloqueou seu golpe à esquerda com o escudo antes de chocar a espada de Clare contra a sua, fazendo a lâmina subir, traçar um círculo no ar e descer. O movimento as fez ficar cara a cara, com as lâminas travadas. Sage se manteve aberta para um contra-ataque.

— O que você está esquecendo? — ela perguntou, fazendo força para baixo até que a espada de Clare tocasse o chão.

Em resposta, a outra girou e bateu o escudo no lado exposto do tronco de Sage.

Seu escudo também é uma arma.

Sage abriu um sorriso largo enquanto caía para trás, mas sua amiga não sorriu ao erguer a cabeça e jogar a trança grossa por cima do ombro. Seus olhos castanhos cintilaram em um desafio silencioso. Seu corpo esguio estremeceu, mas não de frio.

— Você não precisa ficar me explicando tudo — Clare resmungou.

Ela estava irritada. O que significava que as coisas estavam prestes a ficar interessantes.

A raiva era útil em uma luta — Sage sabia daquilo melhor do que ninguém. A raiva aguçava os sentidos e conferia força e resistência à pessoa, mas ela também havia experimentado a imprudência que muitas vezes a acompanhava. A falta de controle de Clare talvez forçasse Sage a reagir de uma forma que poderia machucar uma delas, se não as duas.

— Quando quiser — provocou Clare, sua voz abafada sob o escudo.

Sage deu alguns passos cuidadosos para a direita, forçando Clare a ajustar a postura e a lhe dar mais tempo para pensar. *O que Alex faria?*

Pensar nele levou um sorriso involuntário a seus lábios. No ano anterior, Sage tinha descontado sua raiva em uma luta com Alex, e ele a havia desarmado e batido logo abaixo de seu quadril com a parte plana da espada em um único movimento. Alex não prosseguiria naquilo. Permaneceria metódico, descendo ao nível dela, sem nunca a forçar demais, sem nunca ceder terreno também.

Clare esperava que ela fizesse um movimento. Sage se moveu para a esquerda, girando a espada curva em um arco preguiçoso, refletindo brevemente um raio de sol que atravessava a cobertura de nuvens no céu.

Sua amiga não mordeu a isca. Ela estava controlada agora, mas não precisaria de muito para aquele equilíbrio ser perturbado.

Sage começou a perpassar uma série de arcos, golpes e defesas básicos, privando seus movimentos do estilo pessoal que havia desenvolvido ao longo do último ano e meio. Ela se imaginou como o relógio na torre da capela — engrenagens, pêndulos e ponteiros firmemente ancorados no centro girando de maneira restrita e previsível. O único som ao redor era a respiração pesada delas e o estrépito contínuo de metal contra metal.

Com apenas uma levíssima torção sem aviso, Clare interrompeu o ritmo, rebatendo com um golpe na perna de Sage, perto o suficiente para cortar o tecido de sua calça. Os olhos de Clare se arregalaram assustados, mas Sage não se deixou afetar, recusando-se a dar tempo ao medo de tomar conta de uma delas. A luta perdeu todo o ar de formalidade e treino repetitivo. Ainda que nenhuma das duas quisesse machucar a outra, de repente a luta começou a parecer *de verdade*, e elas dançaram uma em volta da outra muito concentradas, com vagos sorrisos.

Sage botou uma forte pressão sobre Clare, esgotando lentamente o reservatório de raiva. Sua amiga conseguiu controlar o temperamento, e não houve nenhum golpe agressivo de nenhuma delas, só alguns ruídos agudos quando as espadas tocavam nos escudos.

Depois de cerca de vinte minutos, a chama tinha sido consumida. Sage descansou sobre um fardo de palha na frente do cercado de cavalos, verificando o rasgo na calça. O frio se fazia notar de novo, começando pelo nariz dela. Ao seu lado, a respiração de Clare se condensava no ar enquanto se recuperava aos poucos do esforço. De tantos em tantos segundos, ela lançava um olhar culpado para a perna de Sage, que se esforçava para ignorar a preocupação da amiga. Ela não achava que tinha cortado a pele, embora fosse difícil ter certeza com as luvas. De qualquer maneira, Clare não deveria se sentir mal por aquilo.

— Acho que suas roupas lhe dão uma vantagem — Sage disse, casualmente. — É mais difícil ver o que suas pernas estão fazendo. Você fica menos previsível.

— Finalmente tenho alguma vantagem sobre você — Clare disse, descendo a saia o máximo possível. A calça que usava por baixo era grossa o bastante para esconder o formato de suas pernas, mas ela ficou constrangida mesmo assim. Não houvera nenhuma ironia na sua voz, apenas exaustão, o que era uma coisa boa.

Sage sentiu um calafrio e passou a mão na cabeça, ajeitando o cabelo que havia escapado do rabo de cavalo curto. Pela sua sombra, podia ver que parecia um gato escaldado. A trança cor de mogno de Clare estava impecável, como sempre.

— Ainda temos tempo para um pouco de *tashaivar* — Sage disse, olhando para a posição do sol.

Naquele exato momento, o sino da capela bateu. Seus badalos ecoaram pela pedra exposta da fortaleza e das muralhas circundantes,

declarando que três horas haviam se passado desde o meio-dia. Clare se levantou de um salto, a energia restaurada.

— Não, não temos.

Sage resmungou internamente, mas trato era trato — Clare se submetia ao treinamento de combate da amiga e Sage fazia aulas de diplomacia com ela. Além disso, Sage precisava de um banho quente. O frio havia se infiltrado em seus pés, e a umidade sob as roupas casmuni que usava para lutar gelava sua pele. A calça e o casaco largos eram feitos para o deserto e dispersavam o calor do corpo rapidamente. Embora seus dentes tivessem começado a bater, Sage se ofereceu para guardar as armas de Clare para que a amiga pudesse se lavar primeiro.

Clare já havia terminado quando Sage entrou na sala de vestir que interligava suas suítes. Quando as duas estabeleceram residência em Vinova alguns meses antes, Sage tinha achado cruel hospedar sua amiga nos cômodos destinados à mulher do embaixador posicionado na fortaleza da fronteira. Afinal, Clare ia se casar com o filho do embaixador anterior, Lord Gramwell, que também viria a ser um emissário algum dia. Ela havia passado nove meses vivendo com a família do noivo, preparando-se para aquilo.

O que nunca mais aconteceria.

Uma flecha kimisara podia ter sido responsável pela morte do tenente Lucas Gramwell, mas Sage nunca conseguiria esquecer que ele havia sido atingido para protegê-la. Clare não a culpava, exceto talvez em seus piores momentos, que felizmente estavam se tornando mais raros. Sage não tinha passado pela batalha incólume. Ela e Clare haviam passado muitas noites dormindo na mesma cama, confortando uma à outra entre pesadelos. Agora os pesadelos apareciam talvez uma vez por semana. Era mais comum ser Sage quem acordava gritando e se debatendo.

De dia, os episódios de raiva de Clare em geral surgiam por algo trivial e então aparentemente se abrandavam até irromperem no meio do treino, no jantar ou durante uma aula de diplomacia. Era a reação que a própria Sage havia tido depois da morte do pai seis anos antes, de modo que não condenava sua amiga. O tempo era a única coisa capaz de realmente curar as feridas.

Sage afrouxou os cordões do casaco com a mão direita enquanto mergulhava a esquerda na água da banheira. Perfeita. Tirou o resto das roupas suadas e entrou. Clare revirou os olhos quando a água escorreu para o piso de madeira polida, mas Sage mal notou enquanto afundava e soltava a fita de couro do cabelo curto cor de areia. O lado esquerdo de seu corpo ardia mais do que uma simples coceira justificaria, mas ela ignorou a dor e tirou a cabeça da água, pegando o frasco de tônico capilar.

— Está quase acabando — disse Sage, arrancando a rolha com os dentes para não tirar o braço esquerdo da água. Um aroma de laranja e jasmim subiu do frasco aberto.

— Deixa que eu ajudo — Clare terminou de amarrar o corpete de seu vestido cinza simples e foi ajudar Sage a tirar o resto de tônico capilar do frasco. Em vez de simplesmente derramá-lo na cabeça de Sage, começou a lavar o cabelo da amiga. Ela vivia fazendo aquelas coisas, encontrando maneiras pequenas de compensar os momentos em que perdia a calma. Sage não achava que os pedidos de desculpa silenciosos fossem necessários, mas eles faziam sua amiga se sentir melhor. — Quando foi a última vez que teve notícias do major Quinn? — Clare perguntou casualmente, como se não soubesse. Falar do noivo de Sage era outra forma de aliviar o clima entre elas.

Com a menção ao nome de Alex, um rubor tomou conta das bochechas de Sage. Ela tentou responder no mesmo tom casual:

— Dois dias atrás.

— Como está indo o treinamento?

Alex comandava os norsaris, os combatentes de elite de Demora. Na primavera anterior, a unidade do exército fora reinstituída, vinte anos depois de sua dissolução. A companhia inicial tinha ficado pronta bem a tempo de enfrentar uma força kimisara que atacara a nação de Casmun, ao sul. Agora, a unidade de norsaris estava sendo expandida para formar um batalhão completo. Aquilo tinha sido planejado desde o princípio, mas de repente se tornara uma necessidade. O rei Ragat de Kimisara tinha sido morto na Batalha do Vidro Negro, e ninguém em Demora sabia o que o tempo quente da primavera junto ao novo governante traria. O que quer que fosse, os norsaris estariam nas linhas de frente. E Alex também. Sage tentou não pensar na distância e no perigo enquanto passava uma toalha sobre as cicatrizes rosas e azuis na perna.

— Vai completar sete semanas agora.

Clare usou um pequeno jarro para enxaguar o cabelo de Sage.

— Ele vai conseguir nos visitar?

Sage balançou a cabeça e tirou as bolhas de sabão dos olhos.

— Não pode ficar longe por tanto tempo. — O campo de treinamento ficava a quase duzentos e cinquenta quilômetros para oeste. Na melhor das hipóteses, era uma viagem árdua de quatro dias até Vinova e mais quatro dias de volta, e o clima do inverno não ajudava. — Talvez quando completarem mais seis semanas.

Mas ela sabia que ele não viria. Alex não teria como justificar uma viagem daquelas face a suas responsabilidades, ainda mais considerando que eles não eram casados — ele não poderia se casar antes dos vinte e quatro anos. Sage franziu a testa pensativa e contou na cabeça os dias desde o solstício de inverno. Então sorriu.

O aniversário dele era no dia seguinte. Faltava só mais um ano.

2

UMA HORA DEPOIS, era a vez de Sage fazer uma careta. Quando fora que comer ficara tão complicado?

— Hoje, você tem um conde de Reyan à sua esquerda, um príncipe casmuni de baixo escalão à sua direita, e eu sou uma condessa demorana — disse Clare à frente dela na mesa, na qual havia mais pratos, utensílios, baixelas e cálices do que Sage conseguia contar. — O conde só fala a língua dele. Eu falo reyano e demorano, e o príncipe fala kimisaro e casmuni. A quem você se dirige primeiro e em que língua?

Diplomacia dava dores de cabeça e até alguns pesadelos a Sage. Pelo menos não havia kimisaros na história. O melhor que Demora poderia esperar deles seria uma trégua instável e negações constantes de que alguma das invasões em Tasmets vinha de seu país. Reyan era um aliado antigo, mas a relação com Casmun era nova. As famílias reais das duas nações queriam que aquilo desse certo, mas os cidadãos comuns de ambos os lados demoravam a mudar depois de tantas gerações de hostilidade. O processo era delicado, especialmente depois dos acontecimentos do verão anterior.

— Eu já compartilhei água com o príncipe antes? — Sage perguntou. Os casmunis achavam falta de educação se dirigir

diretamente ou usar o primeiro nome de uma pessoa antes de ser apresentado formalmente a ela.

— Sim, mas foi anos atrás, e você não sabe se ele lembra.

Clare era ardilosa. Mas ser embaixadora era bastante complicado, e caso não estivesse preparada Sage poderia causar um desastre em nível nacional. Ela nunca se sentia tão incapaz de lidar com alguma coisa como durante aquelas aulas. Sage sorriu de repente.

— Vou deixar você conversar com ele enquanto falo com o mensageiro que acabou de chegar.

Clare se virou para o sr. Finch, que se aproximava com um pergaminho amarrado com um laço violeta.

— Isso parece estranho — ela disse.

Sage soltou o laço e desenrolou o pergaminho, depois passou alguns minutos estudando as palavras em silêncio. Clare a chutou por baixo da mesa.

— Não pode demorar tanto tempo assim para ler — ela repreendeu. Um sorriso lento se abriu no rosto de Sage.

— Acho que deveríamos trocar o príncipe à minha direita por uma princesa. — Ela virou o pergaminho para mostrar a Clare o que estava escrito em casmuni. — Lani está vindo nos visitar.

— Quando? — Sua amiga pegou o pergaminho de aparência oficial, franzindo a testa enquanto o analisava, mais devagar do que Sage. — Antes do verão?

— Amanhã.

Deixando de lado a lição, Clare se levantou de um salto.

— Espírito do céu, temos de nos preparar!

— Não podemos pelo menos terminar de comer? — Sage observou com desejo as baixelas cobertas e os pratos ainda vazios. O treinamento

no pátio sempre a deixava faminta. Às vezes, a promessa de comida era a única coisa que tornava as aulas de etiqueta suportáveis.

— Você está brincando? — Clare já estava quase chegando na porta, lançando um olhar por cima do ombro que indicava que, se Sage não fosse junto, seria levada à força. — Não vamos ter tempo nem para dormir esta noite.

Com um suspiro, Sage se levantou e seguiu a amiga, mas não antes de pegar um pãozinho. Ou três.

Sage já tinha visto uma companhia norsari marchar para a batalha de uma hora para a outra. Era a única coisa que ela poderia comparar à atividade na fortaleza Vinova nas horas seguintes. Clare assumiu o controle das questões de hospedagem e cozinha, mandando preparar a comida e os aposentos.

Alaniah Limistraleddai seria a primeira casmuni a pôr os pés em Demora em duzentos anos, e ela não era uma emissária qualquer; era a irmã do rei e a *chessa* — princesa — de mais alto escalão no país.

— Tem quantas pessoas na comitiva dela? — Clare perguntou de novo.

— Doze — Sage respondeu sem olhar para a carta. — Além de sessenta soldados. — Não eram muitos, considerando a posição de Lani.

— Ela poderia ter nos avisado com mais antecedência — Clare resmungou, contando os frangos depenados e estendidos.

— *Um embaixador está sempre pronto para receber* — Sage declamou com um sorriso.

Clare fez careta.

— Graças ao Espírito que papa começou a arrumar as coisas quando estive com ele aqui no verão passado. Estaríamos em muito maus lençóis se ele não tivesse feito isso. — Ela estava se referindo ao pai de seu noivo, um diplomata aposentado que havia sido convocado para atuar como embaixador na fortaleza Vinova perto da fronteira sul quando Demora estava começando a se preparar para retomar relações com Casmun. Aquilo tinha sido interrompido por um ataque organizado pelos kimisaros, e Sage havia fugido para Casmun com o filho caçula do rei, tornando-se sem querer a primeira demorana com quem eles falavam em gerações. Lord Gramwell liderara a campanha para recuperar o príncipe, que ficara conhecida como a Batalha do Vidro Negro, em que demoranos e casmunis combateram os kimisaros e venceram. O filho único de Lord Gramwell não retornara da batalha, e depois que a poeira assentara e o príncipe fora levado de volta para casa, o embaixador solicitou a aposentadoria permanente, abalado pelo luto.

Sage fora nomeada para substituir Lord Gramwell e ficara com Clare, tanto pela companhia como para impedir que sua amiga fosse obrigada a voltar para o próprio pai agora que seu noivo estava morto. No papel, Sage era a pessoa mais qualificada no reino para o cargo, já que ela havia aprendido a língua casmuni e criado uma boa relação com a família real — mas ainda era uma plebeia de dezoito anos sem nenhum treinamento formal, e pensava se não seria substituída em algum momento. Não que o rei Raymond tivesse dado alguma indicação de que aquilo aconteceria.

Enquanto isso, ela se submetia às aulas de Clare. Com o conhecimento de sua amiga e o que ela mesma havia aprendido sobre o povo e os costumes de Casmun, Sage torcia para ser digna do trabalho.

Seu primeiro teste chegaria em algumas horas.

3

NA TARDE SEGUINTE, Sage e Clare estavam envoltas em peles no topo da torre mais alta de vigia, observando o destacamento casmuni se aproximar. A maior parte da experiência de viagem de Sage era com unidades militares, e o tamanho da caravana da princesa Lani a assustava.

— Por que ela precisa de tantos cavalos e carroças? — murmurou.

— Presentes — respondeu Clare, tensa. — Essa não é apenas uma visita amigável. A diplomacia dita que devemos retribuir com algo de igual valor.

Sage ficou pálida.

— Não temos nada aqui ainda. — Os recursos demoranos estavam escassos em razão do conflito com os kimisaros em Tasmét. As remessas de grãos e minérios do lado leste dos montes Catrix tinham se tornado mínimas, e os portos do norte costumavam se fechar no inverno.

— Ela não sabe que está muitos meses adiantada?

— Tenho certeza de que sim. — Clare balançou a cabeça. — Não sei o que espera de nós.

— Podemos tentar compensar com cobertas confortáveis e água quente. — Sage apontou para a figura empacotada sobre um cavalo

branco. Se ela não estivesse na frente usando uma espada dourada curva, Lani estaria irreconhecível. — Ela parece com frio.

Felizmente, havia lenha de sobra naquela região. Eram tantos os arbustos mortos e as árvores caídas na floresta vizinha que não havia sido necessário derrubar nada até então. Sage ordenou que as lareiras nos aposentos fossem atiçadas e que mais lenha fosse trazida dos celeiros.

— E dobrem a quantidade de água quente disponível! — ela gritou para o mordomo enquanto seguia Clare escada abaixo a fim de receber os hóspedes.

Elas esperaram no alto da escada que dava para a torre principal enquanto a comitiva entrava no pátio central. Lani e seu círculo restrito foram além e atravessaram o segundo portão. Como a princesa era superior a Sage e Clare em hierarquia, as duas desceram para encontrá-la enquanto desmontava. Sage e Clare fizeram uma reverência ao mesmo tempo, mas, antes que dissessem alguma coisa, Lani passou por elas e subiu a escada para o edifício de pedra sem esperar um convite.

— Sim, sim — ela disse em sua língua. — Primeiro me aqueçam, depois conversamos.

Sage e Clare subiram correndo para acompanhar a princesa, que seguiu diretamente para a lareira do outro lado do salão de recepção. Três criadas foram atrás dela, pegando as roupas que sua ama havia começado a tirar. Um véu grosso foi o primeiro, soltando sua trança cor de ébano, seguido pelas luvas e por um casaco. Embora finamente tecidas, as roupas pesadas que a princesa vestia eram parecidas com as que Sage usava para treinar nos pátios. As mulheres casmunis normalmente usavam saias longas como as demoranas, mas eram muito mais práticas em vestir calça na hora de cavalgar ou praticar *tashaivar*, a

forma de combate do país delas. Sensível ao desconforto de suas criadas, Lani fez sinal para se juntarem a ela no calor. Todas suspiraram.

— Desculpe a falta de educação — a princesa disse em casmuni, estendendo as mãos na direção das chamas. Sua pele cor de bronze tinha manchas rosadas onde havia sido exposta ao vento. — Mas não paro de tremer de frio desde que cruzamos o rio. Vou levar meses para me acostumar. — Lani suspirou, com resignação nos olhos castanho-esverdeados. — Mas o solstício de inverno acabou de passar, então deve esquentar um pouco, não?

— Hum... — Sage lançou um olhar para Clare, que parecia ter entendido que Lani pretendia ficar muito tempo. — Os dias estão ficando mais longos, princesa, mas o frio apenas começou em Demora. — O queixo de Lani caiu, horrorizada, e Sage se apressou em tranquilizá-la: — Mas raramente temos neve aqui.

— O que é “neve”? — perguntou Lani, repetindo a palavra demorana com interesse. — Vai ter disso em Tennegol?

A maior parte de Casmun era formada por deserto ou floresta tropical. Sage se esforçou para explicar.

— É quando a chuva fica tão fria que parece lã e repousa sobre o chão.

Uma criada derrubou as roupas que segurava e começou a chorar. Outra tentou consolá-la. Lani olhou para a garota antes de se dirigir a Sage.

— Feshamay vem de uma cidade no extremo sul. Até Osthiza é fria para ela às vezes. Não se preocupe — disse à criada. — Essa “neve” não deve chegar a seus pés.

Sage trocou olhares com Clare. Seria uma visita interessante.

— Deseja viajar até Tennegol? — Sage perguntou, trazendo a conversa de volta à aparente intenção da princesa de visitar a capital

demorana. Fazia quase um ano que Sage não ia para lá. Quando ela e Alex estavam voltando de Casmun quatro meses antes, os mensageiros reais os haviam encontrado na estrada com o pedido de que voltasse para Vinova e assumisse o posto de embaixadora. Alex também tinha sido promovido e enviado para Tennegol em busca de novos recrutas norsaris a fim de formar um batalhão completo. Com a falta que sentia de Alex, o isolamento e as saudades de casa, Sage ficaria feliz em atuar como intérprete e guia de Lani. Clare também pareceu animada, embora já devesse estar contabilizando todas as mensagens a enviar e provisões a reunir.

— É claro que devo ir até lá — disse Lani. — Vocês têm duas princesas, e devo escolher aquela que melhor se adequa a Casmun.

Ia realmente ser uma visita *muito* interessante.

4

O MOTIVO DA CHEGADA SURPRESA DE LANI tinha ficado claro: os cerca de trinta cavalos criados no deserto e as carroças carregadas com que a princesa chegara eram objetos de negociação. O rei Raymond ficaria muito mais propenso a discutir o casamento de uma de suas filhas com um príncipe casmuni depois de receber tantos presentes generosos.

Sage decidiu que seria melhor continuar a conversa em particular. Fora Clare, os residentes da fortaleza Vinova entendiam apenas frases rudimentares em casmuni, mas era melhor prevenir. Depois que Lani garantira que pretendia repousar ali por alguns dias, Sage deixou Clare levar a princesa a seus aposentos e ao banho quente que a esperava e foi verificar as acomodações do resto dos casmunis.

No pátio principal, as carroças estavam sendo descarregadas e os cavalos, guiados para os estábulos. Toda a escolta de Lani portava armas, o que significava que os carregamentos extras de espadas, lanças e facas recém-forjadas eram presentes — um sinal positivo, visto que os casmunis faziam questão de dar armas apenas àqueles em que mais confiavam. Ela teria de explicar a mensagem subliminar ao rei Raymond.

Sage voltou para as muralhas internas e os aposentos dos hóspedes. Lani já estava arrumando os do seu agrado, e pedia para as criadas

tirarem as roupas dos baús e pendurarem tapeçarias luminosas nas paredes vazias. Feshamay fungava enquanto arrumava um baú de tecidos.

— Falei para ela costurar com o tecido que mais gostasse uma roupa quente para usar — Lani explicou enquanto tomava uma xícara de chá quente perto da lareira. — Era tudo destinado à sua princesa, de modo que pudéssemos fazer vestidos casmunis para ela, mas há tecidos mais do que o suficiente.

— Sim, e quanto a isso... — Sage disse, sentando-se na poltrona à frente de Lani e se virando para manter o lado esquerdo longe do calor. Ela não sabia dizer o que a amiga estava usando por baixo das cobertas dobradas sobre o colo e os ombros, mas seu cabelo preto e comprido caía solto em volta do rosto, secando depois do banho.

— Eu lhe agradeço por tudo isso — Lani disse, erguendo a xícara. — É exatamente do que eu precisava.

— Não há necessidade — Sage respondeu. — O que era que você estava dizendo?

— Tenho uma nova bainha para você — Lani interrompeu. — Foi Reza quem fez. Ela não teve tempo de terminar antes de você partir, por isso Banneth lhe deu uma tão simples junto com sua espada.

A *harish* original tinha sido perdida em combate, encoberta sob o monte de pedra derretida que dera nome à Batalha do Vidro Negro. Reza era a filha de dez anos do rei Casmuni.

— Aceitarei de bom grado — Sage respondeu, depois aproveitou a pausa de Lani para tomar um gole de seu chá. — Por que você está aqui, Lani?

A princesa franziu a testa.

— Para aprender mais sobre Demora, claro. Para abrir o comércio e começar oficialmente nossa aliança. Avisei você que viria.

— Sim, mas não esperávamos sua visita até daqui a alguns meses.

— Isso foi antes de ficarmos sabendo do rei Ragat — disse Lani.

Sage tinha recebido apenas recentemente a notícia oficial da morte do rei de Kimisara. Tinham suspeitado daquilo no verão anterior, mas dentro da nação de Kimisara a verdade havia sido encoberta por um bom tempo. A confirmação através das redes de espiões tinha demorado meses, depois haviam sido necessárias mais algumas semanas para que a informação chegasse até Sage em seu posto. Ela e Alex tinham discutido algumas das implicações daquele acontecimento em suas últimas cartas, mas tudo o que podiam fazer era especular.

— Depois da traição de Sinda no último verão — Lani continuou, um pouco hesitante —, nosso povo está preocupado com o futuro, especialmente porque a relação com Demora não está definida oficialmente. Estou aqui para isso. — Ela abriu um sorriso ardiloso. — E para planejar seu casamento. Você precisa da minha ajuda para que seja um evento apropriado.

Sage, sem graça, se ajeitou na poltrona, pensando que sua amiga devia ter entendido mal o quanto ela e Alex ainda precisavam esperar.

— Isso vai demorar um ano.

E somente se eles voltassem a se encontrar. Seu coração apertou um pouco. O que havia parecido um tempo curto no dia anterior voltava a soar como uma eternidade.

— Posso ficar até lá.

Sage soltou um suspiro aliviado.

— Então quando você falou de escolher uma princesa...

— Ela pode ir para Osthiza antes de mim — disse Lani, com o ar despreocupado. — Assim o povo casmuni verá que somos aliados agora. Kimisara também.

Sage havia sido tutora das duas filhas do rei Raymond, e a mais velha delas tinha apenas catorze anos. A ideia de uma de suas alunas ser obrigada a se casar tão jovem a deixou desconfortável.

— Não acho que nosso rei esteja disposto a esse tipo de acordo.

— É por isso que precisamos de sua ajuda — disse Lani.

— Fui apenas uma aprendiz de casamenteira — Sage contestou. — E não tinha jeito para o trabalho. Trabalhei com isso por menos de um ano.

Lani ficou olhando para ela, espantada.

— Banneth não quer se *casar* com ela, Saizsch. Ela é apenas uma criança, não é?

Era no filho do rei casmuni que Sage estava pensando.

— Mas Hasseth...

— Tem doze anos. — A xícara de Lani retiniu contra o pires. — Pelo Espírito, Saizsch! Você mais do que qualquer pessoa deveria saber que meu irmão nunca faria uma coisa *dessas*!

É claro que não. Quando não passava de um garoto de quinze anos assustado e recém-coroadado, Banneth tinha sido obrigado a se casar com uma menina que o detestava. Sage se recostou no dorso da poltrona.

— Ora, o que mais devo pensar quando você fala de vestir uma princesa demorana com suas roupas e levá-la embora para Osthiza?

— Bem... — Lani pareceu um pouco culpada. — Só queremos que ela viva entre nós por alguns anos. Se desenvolver afeto por Hasseth ao longo do tempo, ficaríamos muito contentes.

Sage semicerrou os olhos.

— Imagino que pretendam estimular isso.

— Vamos fazer de tudo para deixá-la feliz — Lani argumentou, calma. — Mas nunca vamos obrigá-la a nada. — Ela arqueou uma sobrancelha perfeita enquanto tomava outro gole de chá. — Até onde

sabemos, ela não nasceu para rainha. Talvez seu país esteja querendo mais do que pode ter.

— Talvez — disse Sage, imitando a expressão da princesa, depois sorrindo quando ela sorriu.

Uma das criadas ofereceu uma xícara de chá casmuni para Sage, então voltou a encher a de sua senhora. Sage aqueceu os dedos na porcelana e suspirou.

— Estava com saudade dessa bebida — ela disse. Rosa e jasmim. Parecia promissor. — Acho que a princesa que melhor se adéqua a essa ideia é Rose. Ela tem o mesmo nome de sua flor *risha*.

— E acha que sua *risha* transplantaria bem? — perguntou Lani. — Ela gosta de visitar lugares novos?

Sage bufou atrás da xícara de chá. Rose havia viajado muito pouco na vida e confessara a Sage que era enlouquecedor viver tão protegida quando ansiava por uma aventura de conto de fadas. A princesa demorana provavelmente faria os baús na mesma noite em que a proposta fosse feita.

— Ela vai estar aberta à ideia — foi tudo o que Sage disse.

A rainha Orianna, por outro lado...

— Fico contente que você esteja do meu lado, Saizsch — disse Lani, com o ar presunçoso.

— Estou do lado de Demora — Sage retrucou. — E de Rose.

Lani deu de ombros.

— E estou aqui para garantir que estejamos todos do mesmo lado.

Elas voltaram ao chá, e uma ideia se formou na cabeça de Sage. Clare se uniu a elas alguns minutos depois, fazendo uma breve pausa das preparações para a viagem.

— Rascunhei uma mensagem informando a suas majestades que nos esperem — Clare disse a Sage, aceitando uma xícara de chá. — Depois

que a aprovar, vou finalizá-la e enviá-la. Quanto antes melhor.

— Quanto tempo vai levar até Tennegol? — perguntou Lani.

Um mensageiro trocando de cavalos com frequência levava duas semanas para cobrir a distância entre Vinova e a capital demorana, mas uma caravana diplomática grande levava pelo menos duas vezes mais, especialmente no inverno.

— Cerca de trinta dias — Sage respondeu. — Mas eu estava pensando... — Ela lançou um olhar para Clare.

— O quê? — disse Lani, arqueando as sobrancelhas quando Sage não completou a frase.

— Talvez você queira passar no acampamento norsari no caminho — Sage disse com inocência. — Seus soldados podem estar interessados em ver um pouco do treinamento deles. Podiam passar alguns dias trocando técnicas de combate ali. Como uma demonstração de boa vontade.

— Hum. — A princesa olhou para a lareira com o ar pensativo. — O tenente Casseck ainda está servindo com eles?

— Ele é o capitão Casseck agora — disse Sage. — Sim.

— *Kap-tan* — Lani repetiu lentamente. — Foi uma promoção?

— Sim.

As bochechas já coradas de Lani ficaram um tom mais escuro enquanto ela escondia o nariz na xícara de chá.

— Acho que eu deveria parabenizá-lo pessoalmente então.

5

ALEX TENTAVA ESCREVER UMA CARTA PARA ELA.

Estava em sua tenda, sentado na cama, com uma prancha sobre os joelhos e uma pena na mão sem luva. O inverno estava chegando com força total, embora fosse mais ameno ali no sul e ele usasse uma camada extra de roupa marrom. Era o uniforme que Alex havia criado para os norsaris, melhor para camuflagem do que o preto tradicionalmente usado pela cavalaria. Ele ainda esfregava as mangas por reflexo quando elas chamavam sua atenção, imaginando que estivessem empoeiradas.

Ele flexionou os dedos frios e franziu a testa para o pergaminho que esperava suas palavras. Santo Espírito, como sentia falta dela.

O ideal era que aquela fosse uma substituta para a carta perdida. Alex a havia enviado para Sage mais de um ano antes e a encontrara entre as coisas dela depois da invasão kimisara que a havia forçado a fugir para Casmun. Ele tinha levado a carta consigo ao ir atrás dela, mas, quando fora capturado e aprisionado por alguns dias haviam incendiado todas as suas roupas para evitar pragas. Embora as páginas estivessem cheias de frases e descrições que faziam Alex corar só de lembrar, Sage estimara cada uma delas.

Ele ainda sentia a mesma coisa por ela, talvez com ainda mais intensidade do que no ano anterior. O problema era que a irritação se

sobrepunha àqueles sentimentos. Portanto, tudo o que ele pensava em escrever era corrompido.

Sua frustração não se devia a suas responsabilidades. Comandar os norsaris era uma missão dos sonhos — sem mencionar que ele agora era o major mais jovem da história de Demora. Tampouco se devia ao fato de seu tio ter nomeado Sage embaixadora em Casmun. Não havia ninguém mais indicada para o trabalho. Os dois estavam no melhor lugar possível, considerando o estado do mundo.

O mundo. Era o mundo que os mantinha separados. E o maldito regulamento do exército.

Na realidade, mudar a restrição etária que proibia oficiais do exército de se casar não alteraria muito a situação deles. As missões dos norsaris eram mais arriscadas e sigilosas do que as do exército regular, e um combate contra os kimisaros em Tasmets estava previsto para quando a primavera chegasse. Sage continuaria sendo uma emissária no estrangeiro com suas próprias responsabilidades.

Mas ao menos quando eles estivessem juntos poderiam *estar* juntos.

Faltava menos de um ano, pelo menos. Alguns dias eram mais fáceis de suportar do que outros. Nos dias de missa, as rotinas eram mais relaxadas, o que só lhe dava mais tempo para sentir saudades dela. Quando ele sentira as nuvens encobrindo seu humor naquela manhã, havia se distanciado da companhia de seu melhor amigo e segundo no comando, o capitão Casseck. Ninguém precisava ver seu comandante emburrado feito uma criança.

Alex cerrou o punho e bateu na prancha com tanta força que ela voou de seu colo, derramando o pote de tinta sobre a página e o chão. Ele o ergueu rapidamente e chutou um pouco de terra sobre a poça, praguejando por conta da carta destruída. Não que tivesse conseguido escrever mais do que meia dúzia de palavras. Da outra vez, havia

aberto seu coração. De alguma forma, tentar repetir o feito tornava aquilo mais difícil.

— Permissão para entrar, senhor? — disse uma voz conhecida fora da tenda.

Alex não estava no clima de formalidades.

— Entre, Cass.

O capitão Casseck entrou, trazendo uma brisa fria consigo. Lá fora, o sol estava perto do ápice, brilhando forte no céu sem nuvens. Seu amigo ficou parado, observando Alex por alguns segundos, como se o avaliasse. Seu cabelo loiro roçava no teto da tenda.

— Você está doente? — perguntou por fim.

O tom de brincadeira irritou Alex. Cass sempre sabia o que se passava na cabeça dele. Pressentira a atração de Alex por Sage desde a noite em que ele a conheceu, e ficara extremamente irritado com ela.

— Só queria ficar um pouco sozinho.

— É sobre isso que vim conversar. — Cass virou a cadeira dobrável, sentando-se nela com o peito no encosto, de frente para Alex. Ele cruzou os braços, focando os olhos azuis e sérios no comandante. — Faz mais de dez semanas que não tira um tempo para você. Precisa de um descanso.

O treinamento dos norsaris era intenso, e Alex sabia que os homens precisavam de tempo para relaxar, por isso se revezavam para tirar um dia de folga. A maioria saía para uma das duas vilas próximas, fazia uma trilha ou cavalgava até o rio Kaz ou a estrada de Jovan. Em função do sigilo, certas distrações haviam sido proibidas no ano anterior. Agora, a reinstituição tinha se tornado pública, e a notícia da batalha do verão em Casmun logo se espalhara pelos quatro cantos de Demora.

Aquilo tornaria o nome de Alex ainda mais conhecido. Como se ele já não sofresse pressão suficiente para ter bons resultados.

Alex virou o pergaminho manchado e começou a escrever para esconder o frio que de repente surgiu em sua barriga.

— Não fiz quase nada hoje.

— Não é o suficiente. Você precisa sair daqui — disse Cass. Como Alex não respondeu, ele tentou uma abordagem diferente. — Seria bom para os homens ver que confia em mim para liderar quando não está.

— Bom para você, você quer dizer.

— Também.

Alex fechou a cara, mas seu amigo estava certo — mesmo que um comandante fosse benquisto, havia algo na ausência dele que mudava o clima no acampamento militar, fazendo os soldados relaxarem mesmo que não soubessem que estavam tensos.

— Certo. No próximo dia de missa.

— Hoje — disse Cass com firmeza.

— Agora você me dá ordens?

— Você vai me deixar no comando, então sim.

— Certo — Alex suspirou. Tendo se resignado à ideia, já sentia um peso ser tirado de seus ombros. — Eu vou... para algum lugar.

— Ótimo. — Cass se levantou com um sorriso largo.

Havia triunfo demais no tom dele. A desconfiança de Alex de repente foi despertada. Um mensageiro estava para chegar, mas ele podia ouvir mais atividade do lado de fora do que aquilo provocaria. Alex semicerrou os olhos para o amigo.

— O que está acontecendo?

Casseck apenas bateu continência e se virou para sair.

— Você tem uma visita — ele gritou por cima do ombro.

Visita?

Uma mão segurou a abertura da tenda antes que ela se fechasse, e uma figura pequena usando roupas casmunis de cavalgada entrou. Alex se levantou de um salto bem a tempo de abraçar Sage, que se lançava em seus braços.

Santo Espírito, ele só podia estar sonhando.

As bochechas sardentas dela estavam coradas e seu nariz parecia gelado ao roçar contra o dele, então seus lábios se encontraram, e Alex soube que era de verdade, porque nem seus sonhos poderiam ser tão bons. Fazia tanto tempo que não a via — quase seis meses — que quase parecia a primeira vez que se beijavam. Hesitantes a princípio, depois ansiosos. Então desesperados. Alex ergueu Sage, depois se moveu para colocar as pernas dela em torno de seu quadril de modo que pudesse se sentar com ela no colo.

Ele se esqueceu que os dois estavam usando espadas. A lâmina demorana reta e pesada dele bateu contra a cama e a inclinou para baixo, fazendo com o que o outro lado se erguesse, enganchando-se na *harish* casmuni curvada que Sage carregava no quadril. Por alguns segundos, Alex tentou manter o equilíbrio, mas não conseguiu. Caiu para trás, tentando protegê-la da queda, batendo desajeitadamente sobre o punho da espada e ouvindo o rachar de madeira. Era o pé da cama que quebrava.

— Ai — ele disse.

Os dois olharam um para o outro, corando antes de rir. Bendito Espírito, como ele sentia falta daquele som.

Sage sorriu e tirou os fios rebeldes de cabelo na altura do ombro da frente do rosto enquanto se soltava das pernas dele e do estrado da cama quebrada.

— Acho que senti tantas saudades de mim quanto senti de você.

— Mais — ele disse, e Sage revirou os olhos, mas Alex a puxou para perto de novo antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. Depois de beijar todos os centímetros de sua pele exposta (ela estava bem agasalhada e não havia muita, então ele beijou tudo duas vezes), Alex finalmente perguntou por que estava ali.

— Princesa Lani — ela disse, um pouco sem ar. — Estamos a caminho de Tennegol com ela. Pensamos em parar aqui, já que estava no caminho. Como um gesto de boa vontade e tudo mais.

— Bem pensado — ele disse distraidamente enquanto dava uma terceira leva de beijos. Como ele poderia ter esquecido o cheiro maravilhoso dela? Mesmo depois de dias de cavalgada, o aroma de sabonete floral continuava em seu cabelo e suas roupas, mas não era apenas aquilo. Alex não sabia como, mas sempre sentia que estava inspirando a luz do sol na presença dela. E sentindo seu gosto.

A voz de Casseck os interrompeu de fora da tenda.

— Major, estou com todos os relatórios e preparações — ele disse formalmente. — O senhor está dispensado.

Sage olhou por cima do ombro para a silhueta do capitão na parede de lona.

— O que isso significa? — ela perguntou baixo.

— Obrigado, capitão — Alex respondeu, e a sombra de Casseck desapareceu. Ele se virou para Sage, quase inebriado. — Significa que ele quer que eu saia. Prometi que tiraria um dia de folga.

Por um segundo, Sage ficou radiante, mas logo a culpa tomou conta dela.

— Ah, não. — Ela balançou a cabeça. — Não quero atrapalhar

Que o Espírito a abençoasse por tentar, mas já era tarde demais para aquilo.

— Está tudo bem — ele a tranquilizou. — Preciso de um descanso, e... — Alex limpou a garganta. Teve uma ideia, mas Sage ficaria relutante se achasse que o estava afastando de suas obrigações. — Você poderia me ajudar com uma coisa.

Uma centelha de interesse iluminou o rosto dela, como ele sabia que aconteceria. Alex se inclinou para sussurrar no ouvido de Sage. Quando ela recuou, seus olhos cinza estavam arregalados.

— Sério? — ela perguntou.

Ele assentiu, acanhado.

Sage mordeu o lábio, embora um sorriso ansioso se abrisse de leve.

— Não sei o quanto eu conseguiria fazer em poucas horas.

Alex deu de ombros.

— Qualquer coisa já seria melhor do que nada.

— Mas não está um pouco frio para isso?

— Tenho um lugar em mente.

6

SAGE CORREU PARA PEGAR AQUILO DE QUE PRECISAVA, depois trocou de roupa na tenda de Alex enquanto ele saía em busca de comida e outras provisões. Ele havia dito que levaria ao menos uma hora para chegarem ao destino, então tinham de se apressar se quisessem estar de volta antes do anoitecer. Rumaram para o norte, e Alex mal esperou que estivessem longe dos olhos do acampamento para segurar a mão dela.

O ar gelado da montanha do oeste os fez passar frio no começo da viagem, mas seus passos rápidos os aqueceram depois do primeiro meio quilômetro. Sage perguntou a Alex tudo sobre seu treinamento, deliciando-se com a felicidade e o orgulho dele com o que estava fazendo. Eram as últimas três semanas dos norsaris naquele acampamento, e ele descreveu com entusiasmo seu plano de dividir os soldados em esquadrões de elite e pelotões com habilidades específicas como arco e flecha ou luta com faca. A concorrência já estava acirrada para as vagas. Nenhum homem estaria em uma unidade especial sem um nível alto de sucesso em uma ou outra categoria.

Quando aquele assunto se esgotou, Alex perguntou a ela sobre seu tempo em Vinova. Sage descreveu as aulas de diplomacia e etiqueta de Clare, e ele riu.

— Tinha esquecido que me ensinaram essas coisas quando eu era pequeno — ele disse. — Eu também detestava as aulas.

— Eu não *detesto* — ela disse. — Só faz eu me sentir inadequada.

Ele se abaixou para dar um beijo na orelha dela.

— Isso nunca, Sage.

— *Humpf.* — Ela o empurrou com o ombro, depois parou ao reconhecer onde estavam. — É aqui? O lago que encontramos ano passado?

— Isso. — Não era muito grande, mas Alex dissera que a quantidade e o tamanho dos peixes que os norsaris haviam pescado indicavam que o lago era razoavelmente profundo. Uma névoa fina flutuava sobre a superfície, indicando que a água era mais quente que o ar. Sage foi até a beirada e mergulhou os dedos.

— Está mais quente do que eu imaginava — ela admitiu. — Mas ainda está fria demais. Não vamos durar nem dez minutos.

Ele a puxou pelo cotovelo.

— Por aqui.

Eles deram a volta pela margem sul. No ano anterior, haviam parado no lago apenas por tempo suficiente para beber água antes de voltar para o acampamento. Agora, conforme o vapor ficava mais denso, Sage notava um cheiro de enxofre no ar.

— Ele é alimentado por uma fonte termal? — ela perguntou.

Alex sorriu e assentiu, guiando-a ao longo do córrego estreito cujo calor Sage sentia através da sola das botas. Pararam em uma prainha de seixos contra o vento do vapor, que agora tinha um aroma mais forte e acre. Ali a água do lago tinha um tom amarelado, e o chão estava claramente mais quente.

Ele franziu o nariz.

— Desculpa pelo cheiro.

Sage balançou a cabeça e sorriu.

— Acho que a recompensa vai valer a pena.

Alex começou a juntar lenha para uma fogueira a fim de mantê-los aquecidos quando saíssem da água. Ela o observou acender as chamas, contemplando as pequenas diferenças na aparência dele desde que tinham se despedido quase cinco meses antes. Seu cabelo preto tinha sido cortado na prisão casmuni, mas agora estava quase tão desgrenhado como quando haviam se conhecido. Ele tinha deixado a barba crescer também. Barbear-se todo dia havia se tornado impraticável, Alex escrevera, desculpando-se. Aparada rente daquela forma, Sage a considerava o melhor de dois mundos — dava-lhe uma aparência elegante e madura, mas não era tão áspera contra o rosto dela. Ou talvez só tivesse se acostumado. Depois que ele deixou a fogueira como queria, olhou para ela.

— Pronta?

Sage assentiu e se virou para esconder as bochechas coradas, perguntando-se por que não tinha passado pela cabeça dela quão despida ficaria na frente dele. Sentir vergonha, porém, era bobagem. Alex havia cuidado dos ferimentos dela no verão passado; já sabia como era sem roupa. Além disso, Sage também sabia exatamente como ele ficava sem aquilo tudo. Ou quase tudo.

Foco, ela disse a si mesma com firmeza. *Alex precisa da sua ajuda*.

Determinada, Sage ficou de costas para ele e tirou as camadas de roupa até restarem apenas as ceroulas de linho masculinas que ela sempre havia preferido, para o desespero de sua tia, e uma camisa de seda casmuni comprida e sem mangas. O ar sobre as pernas expostas a fez sentir certo desequilíbrio, visto que um lado queimava com o frio enquanto o outro meramente tinha arrepios. Depois de deixar as roupas em uma pilha bagunçada, Sage passou rapidamente por Alex,

que estava sem camisa, e entrou na água, mergulhando fundo o bastante para cobrir os ombros antes de ter coragem de se virar. Não era exatamente um banho quente, mas era quase tão agradável quanto, embora, quanto mais se afastasse da margem mais frio ficasse. Alex entrou em seguida, usando apenas ceroulas.

Ela *nunca* se cansava de vê-lo daquele jeito.

Para esconder o fato de que estava encarando, apontou para o ombro esquerdo dele.

— Tatuagem nova?

Alex parou com a água na altura da cintura e se virou para mostrar a cabeça angulada de uma ave cujas asas se estendiam alguns centímetros por seu peito e suas costas. O desenho arqueava sobre as tatuagens que ela já conhecia, que representavam a cavalaria e as outras unidades do exército das quais havia feito parte.

— Norsari — ele explicou.

A ave de rapina veloz e mortal que havia inspirado o nome dos norsaris. Havia poucos detalhes no desenho na pele dele, tratava-se mais de uma silhueta escura. Como a última coisa que as presas dos norsaris viam — quando viam algo — antes de ser apanhada pela morte.

Sage se arrepiou, e não de frio.

— Certo — ela disse, virando-se de costas e entrando o suficiente na água para mergulhar a cabeça. — O mais importante é ficar relaxado. Se ficar tenso demais, é mais difícil flutuar. — Ela olhou para trás.

Alex tinha sumido.

O coração de Sage palpitou enquanto virava de um lado para o outro, chamando o nome dele, tentando enxergar dentro da água turva, mas vendo apenas o reflexo do sol na superfície. Ele a tinha

seguido até longe demais, até a beira da pedra onde o fundo despencava. O terror apertou a garganta de Sage. Espírito do céu, ela teria forças suficientes para puxá-lo até a superfície? Será que ele entraria em pânico e a puxaria para baixo junto?

Uma mão em sua perna a fez gritar, mas Sage não foi puxada para baixo. A mão foi subindo pelo seu corpo, e Alex emergiu na frente dela, inclinando a cabeça para trás para tirar o cabelo dos olhos, que brilhavam de divertimento. Sage levou alguns segundos para entender que ele se virava sem dificuldade.

— Seu imbecil! — ela gritou, empurrando-o e jogando água nele com raiva. — Você já sabe nadar!

— É claro que eu sei nadar — Alex riu e tirou a água dos olhos. — Mas tinha certeza que não resistiria a bancar a professora.

Sage fechou a cara.

— Você continua sendo um tonto — ela disse, mas deixou que a puxasse para perto dele.

— Desde que eu possa ser o seu tonto. — Alex a envolveu em seus braços e bateu as pernas para guiá-los para a água mais rasa e quente. Quando chegaram aonde dava pé, ele ergueu as pernas dela em torno da sua cintura, como havia tentado fazer de maneira tão desastrosa mais cedo.

Sage cruzou os pés em suas costas e se acomodou contra ele, vibrantemente consciente de todos os pontos em que seus corpos se tocavam.

— Eu deveria castigar você por isso — ela sussurrou encostada à boca dele.

— Talvez eu gostasse — ele disse, os fios ásperos de sua barba roçando nos lábios dela. Suas mãos subiram pelas coxas dela e chegaram à cintura.

Agora o coração dela estava batendo forte por um motivo completamente diferente.

Alex se aproximou para diminuir a distância minúscula entre eles, mas Sage se inclinou para trás.

— Notei que aqui você não está com medo de que todos saibam que estamos juntos.

— E notei que você não está usando nada embaixo dessa camisa. — Ele passou as mãos sob a seda até as costas dela, puxando-a para si.

— Alex.

Ele parou, esperando. Sage baixou e desviou o olhar, traçando o bíceps direito dele com os dedos. O músculo sob a pele escura tatuada e coberta de cicatrizes era sólido como ferro. Havia uma leve diferença na textura onde estava a tatuagem em tons claros de verde e violeta, em vez do vermelho, azul e preto fortes do lado esquerdo. Os soldados não arriscavam o braço da espada, o que tornava as folhas e flores de sálvia no direito muito mais significativos. Ela era a força dele. Era aquilo pelo que arriscaria tudo.

— Você mudou de ideia então? — ela sussurrou.

— Sobre dormir com você? — Alex ergueu uma mão e puxou o queixo dela para encará-lo. — Ou melhor: sobre *não* dormir com você até casarmos?

Sage soltou uma inspiração trêmula enquanto encontrava os olhos ardentes dele, quase pretos.

— Isso.

— Não.

— Então não pode continuar fazendo isso — ela disse, balançando a cabeça para esconder a decepção em seu rosto. — Não pode ficar nos levando até o limite. Um dia, você vai cruzar a linha. E vai se odiar por isso. — *Sem motivo*, ela acrescentou em silêncio.

Alex suspirou e encostou a cabeça no ombro dela.

— Você tem razão — ele disse, depois beijou sua clavícula. —
Desculpa — disse, então tirou a mão de baixo da camisa dela.

— Por que você precisa ser tão honrado? — Sage perguntou, deslizando os dedos pela nuca dele, enroscando-os em seu cabelo molhado.

Alex ergueu a cabeça para encará-la nos olhos.

— Por você — ele respondeu, sério. — Senão, de que adiantaria?

DECLARAÇÕES HONRADAS À PARTE, Sage deixou que Alex a mantivesse na água por mais tempo do que deveria, depois ficou aninhada junto dele perto da fogueira. Os dois dividiram a comida e tomaram o chá que ele havia levado, conversando sobre os lugares que queriam mostrar um para o outro algum dia. Alex prometeu levá-la para as montanhas do leste, onde seus avós moravam, e Sage contou sobre os vastos campos de cereais em Crescera, cercados por grandes extensões de florestas em meio às quais ela conseguia se orientar de olhos fechados. Naquelas horas preciosas, não havia guerra, não havia o pensamento de meses de separação agora ou depois. No entanto, seu tempo juntos acabou cedo demais.

Eles voltaram para o acampamento dos norsaris quando os picos das montanhas absorviam os últimos raios de sol. Sob a calça e a manga da camisa de Sage, a pele rosa e tensa coçava e ardia enquanto ela caminhava. A água sulfurosa a havia secado, e Sage teria de passar os óleos que mantinham sua pele flexível e estimulavam a cicatrização. Alex quis ver as cicatrizes de novo. Ela mal conseguia suportar a ideia de mostrar, mas ele insistiu.

— São muito feias — Sage sussurrou, contendo as lágrimas enquanto ele passava os dedos calejados pela perna esquerda dela. Ela

odiava o quanto o toque dele parecia diferente ali, como se ficasse mais distante em algumas partes e chegasse ao osso em outras.

Alex se abaixou para beijar um ponto acima do joelho dela.

— Eu lembro que já estive muito pior. Agradeço ao Espírito todos os dias por você ter sido forte o suficiente para sobreviver. A maioria não seria.

Perspectiva. Ela estava viva. Outros não. Mesmo através da névoa de agonia, Sage havia sentido o cheiro da carne carbonizada de centenas de cadáveres. Homens que ela havia matado ao detonar a arma que depois a queimara. Por um tempo, desejou que tivesse morrido também, por causa do que havia feito. Tanto a memória como o fogo em si assombravam seus sonhos.

A postura de Alex ia mudando lentamente conforme voltavam. Quando o acampamento surgiu em seu campo de visão, Sage o observou parar e voltar a vestir o manto invisível do comando. Em alguns sentidos, adorava aquilo — significava que havia um lado dele que era reservado apenas para ela. Mas também significava que havia horas e lugares em que Sage não fazia parte da vida dele.

— O que vai acontecer quando vocês acabarem aqui? — ela perguntou em tom baixo.

— Vamos para Tennegol para nos apresentar ao rei. Fazer algumas demonstrações, principalmente para o conselho, a fim de assegurá-los de que fiz um bom trabalho treinando os norsaris. — Ele apertou a mão dela e baixou os olhos com uma piscadinha. — E, quando não estiver muito ocupado com isso, pretendo desgrenhar seu cabelo em cantos escuros.

Era uma piada recorrente entre os dois, porque ele havia bagunçado todo o cabelo dela na primeira vez em que tinham se beijado. E na segunda também. Sage abriu um sorriso bobo.

— Você vai estar lá ao mesmo tempo que eu? Por que não me disse antes?

Alex deu de ombros, sorrindo.

— Não me passou pela cabeça até agora. Acho que estava empolgado demais com sua chegada.

Era quase bom demais para ser verdade.

— Agora estou mais contente do que nunca por Lani ter vindo, ou eu não estaria aqui. — Sage fez uma pausa. — E depois?

— Tasmét e a fronteira com Kimisara — ele respondeu, suspirando com a realidade da situação. — Faz meses que não recebemos informações, mas vai saber o tipo de caos que a morte do rei Ragat vai causar. Os kimisaros podem estar mais desesperados do que nunca, e novos governantes muitas vezes acham que precisam provar seu valor. Precisamos estar preparados para tudo.

Não era típico de Alex se eximir de um combate, mas daquela vez ele não parecia ansioso. Ela entrelaçou os dedos nos dele.

— Você parece preocupado.

— Não no sentido em que deve estar pensando — Alex disse. — É só que... — Ele parou de falar, o manto invisível se apertando mais à sua volta.

Ela entendeu. A pressão de ser bem-sucedido. A necessidade de provar que tinha um posto porque o merecia, e não porque seu pai era o general comandante. E os riscos eram mais altos do que nunca. Sage tinha certeza de que ninguém que de fato tivesse servido ao lado de Alex poderia duvidar dele, mas milhares o conheciam apenas pelo nome.

— Você puxou ao seu pai — ela disse. Havia conhecido o general Quinn, e não dava para negar o quanto os dois eram parecidos, não apenas na aparência, mas na postura e na força de vontade. Na maneira

como cuidavam daqueles sob seu comando. — Mas fez por merecer tudo o que tem. Todos aqui sabem disso.

Ele balançou a cabeça.

— Fora daqui é diferente. Muitos não acreditam que mereci esse comando.

— E alguns nunca vão acreditar. — Ela puxou o braço dele para que a encarasse. — Alex, não pode deixar que isso tire de você aquilo que conquistou.

— É tudo por você, sabe? — ele disse com o ar solene. — Tudo o que faço, tudo o que tenho, é seu.

Sage revirou os olhos, embora as palavras dele a aquecessem por dentro.

— Então o que o motivou nos primeiros vinte anos?

Alex deu de ombros.

— Não sei. Prestígio. Patente. Arrumar as coisas que estavam erradas ou estragadas. Proteger o reino. — Ele hesitou e desviou o olhar. — Vingança.

Ela sabia a que estava se referindo. Alex quase havia deixado o exército depois de seu primeiro combate, fisicamente chocado por ter tirado uma vida, mas então um amigo seu tinha sido morto. Depois daquilo, sempre houvera mais uma morte para vingar, mais um mal para consertar, até ele perder a contagem dos corpos.

E então o irmão de Alex fora morto.

— Você não é um monstro — Sage sussurrou.

Ele balançou a cabeça.

— Não faz ideia do quanto quero que paguem pelo que fizeram com você. Com Charlie. — Alex fechou os olhos e respirou fundo. — Tenho medo de que isso afete meu discernimento.

— Você é melhor do que isso.

— Não tenho tanta certeza.

— Você precisa ser — ela disse com firmeza, erguendo as mãos para virar o rosto dele para o dela. — Esse ciclo de violência não vai acabar até pessoas como nós dizerem “basta”.

— Os dois lados precisam dizer “basta”, Sage.

Ela ficou na ponta dos pés para dar um último beijo nele.

— Alguém precisa dizer primeiro.

A maneira como Alex retribuiu o beijo mostrou a Sage que o havia reconfortado, o que lhe deu certa tranquilidade para combater suas próprias inquietações profundas. Porque ser um monstro era algo reservado àqueles que matavam centenas em um único ato de fúria e dor.

Pessoas como ela.

8

SAGE SOUBE QUE TINHAM SIDO AVISTADOS pelos sentinelas porque Casseck foi até eles acompanhado por um dos escudeiros adolescentes, com uma expressão envergonhada.

— O mensageiro de Tennegol chegou há uma hora — ele disse. — Está tudo pronto para o senhor na tenda de comando.

Alex retribuiu a continência do capitão sem demonstrar nenhum sinal de cansaço ou frustração.

— Muito bem. Vou diretamente para lá. — Ele soltou a mão de Sage e ambos tiraram as sacolas dos ombros para o escudeiro carregar.

— A correspondência da srta. Fowler também está lá, já que ele as estava levando. — Casseck baixou a mão. — Falei para a cozinha levar seu jantar. O restante dos oficiais vai comer na tenda da princesa casmuni. Eu disse para sua alteza que seria melhor ter sua presença, mas ela insistiu. — Ele deu de ombros, desamparado. — Disse que quer comemorar minha promoção. Pelo menos acho que foi o que falou. Espero que tenha entendido que só estive no comando por algumas horas.

O olhar de Alex se voltou para Sage, mas ela piscou com inocência.

— Tudo bem, capitão — ele disse. — Você nunca teve um reconhecimento adequado pela sua promoção. Divirta-se. — Alex colocou a mão nas costas de Sage e a guiou na direção da tenda de

comando. Quando não podiam mais ser ouvidos, disse: — Não sei se devemos estimular o interesse da princesa Lani por ele.

Sage riu.

— Tente dizer “não” para ela.

A mesa sob a tenda principal estava quase transbordando de documentos, metade deles para Sage. Ela grunhiu.

— Isso vai levar a noite toda.

— Que tal dividirmos em duas pilhas: coisas que importam para nós dois e todo o resto. Vamos nos preocupar apenas com a primeira esta noite.

Ele estava certo — não havia por que correr para resolver tudo. Tennegol já receberia notícias dela antes do que esperavam. Sage se juntou a Alex à mesa, sentando-se em frente e um pouco de lado em relação a ele, e abriu a primeira mensagem, que carregava um selo oficial. Perdeu o fôlego com a primeira frase.

A presença da embaixadora Sage Fowler e de Lady Clare Holloway é requisitada em Tennegol por sua majestade o quanto antes.

Não dizia o motivo.

Alex a observava.

— Algum problema?

Sage já abria a mensagem seguinte.

— Eu e Clare fomos convocadas para a capital imediatamente, mas não sei por quê.

A próxima carta era pessoal, da princesa Rose. Sage a deixou para depois.

Outra carta, da sua tia Braelaura. Para depois.

Uma carta de sua prima Hannah, que tinha treze anos agora. Ela começava perguntando se poderia ir ao casamento de Sage, com uma forte insinuação de que gostaria de passar os próximos anos na corte. Sage estava mais interessada no bilhete da pequena Aster, rabiscado ao pé do pergaminho, que também ficaria para depois. Ela deixou a carta na mesa e pegou a próxima.

Era uma carta pessoal da alta casamenteira de Crescera, Darnessa Rodelle. Sage se demorou apenas o suficiente para notar que sua antiga empregadora tinha uma nova aprendiz e queria todas as informações que Sage pudesse fornecer sobre as mudanças no cenário político, visto que afetava futuras uniões. Aquela carta exigiria uma resposta longa, e qualquer coisa que Sage pudesse escrever no momento talvez mudasse quando Lani acrescentasse Casmun à mistura real.

A última correspondência era da rainha, dizendo que ficaria feliz em celebrar o casamento de Sage quando ela chegasse a Tennegol. Ninguém em todo aquele país pensava em *nada* além de casamento? Sage fez uma careta e ergueu os olhos.

— O que você recebeu? — ela perguntou a Alex.

— Uma lista anual típica de mudanças nos regulamentos do exército — Alex murmurou enquanto jogava várias páginas em uma pilha de mensagens abertas. — Apenas respostas e relatórios regulares. A ordem oficial para voltar a Tennegol está aqui também, mas isso já era esperado.

— Você também foi chamado para voltar antes? — Sage sorriu com a ideia de viajarem juntos para a capital.

Ele balançou a cabeça ao deixar outro pergaminho de lado.

— Só quando completarmos o treinamento. Está escrito para eu ir *imediatamente*, mas isso não significa nada. Já isto parece importante. — Alex pegou uma carta com três selos e mostrou a Sage. Um dos selos

de cera tinha a gravura de uma pena cruzada com uma espada. Era um relatório de espionagem.

Sage observou enquanto Alex rompia o selo e lia a carta. Sua impaciência cresceu quando ele inspirou fundo e não disse nada.

— O que aconteceu? — perguntou quando não conseguia mais esperar.

— Kimisara tem oficialmente um novo rei — ele disse. — O filho de Ragat, Mesden, subiu ao trono.

Sage revirou sua memória.

— Mas as esposas anteriores de Ragat morreram sem ter filhos, e ele se casou com a última faz uns doze anos. Esse tal Mesden deve ser uma criança.

— Ele tem seis anos. — Alex franziu a testa enquanto olhava o pergaminho em sua mão. — Está longe de ter idade suficiente para governar. — Balançou a cabeça. — O que significa uma luta para ver quem vai de fato governar.

— Mas não será uma luta interna? — Sage tomou o pergaminho da mão dele e o avaliou. — E já há uma regente oficial, a rainha Zoraya, mãe de Mesden. Já está definido.

— Sage — Alex disse em tom baixo. — Você sabe o que aconteceu com as duas primeiras rainhas de Ragat?

— Só ouvi boatos — ela disse. — Em Crescera, dizem que as duas foram executadas porque não geraram um herdeiro. — Ela franziu a testa. — Por mais terrível que seja, reis demoranos já fizeram coisas parecidas no passado. — *Reis da família D'Amiran*, ela pensou.

— E Zoraya sobreviveu vários anos sem ter filhos.

— E daí?

— Quer dizer que ela é uma sobrevivente — disse Alex. — E provavelmente foi sagaz o bastante para tirar o controle de uma dúzia

de homens que matariam para ter a posição dela. Homens poderosos que dificilmente vão aceitar a derrota com tranquilidade.

— Você acha que eles vão continuar a lutar pelo que ela tem? — Sage devolveu o pergaminho. — Tem medo de alguém assim porque sua regência pode não durar?

Alex balançou a cabeça enquanto voltava a dobrar a mensagem.

— Eu teria mais medo de alguém cuja regência pudesse durar.